

Residência Agrária: produção, arte, cultura e convivência com o semiárido

Maria Inês Escobar da Costa¹

RESUMO

Este relato de experiência sintetiza parte das experiências da Residência Agrária no Nordeste, que é um projeto de formação e qualificação profissional para a especificidade da agricultura familiar camponesa. Suas singularidades, seus desafios e suas projeções. O debate sobre a seca, sobre a ideia de Semiárido e suas representações permeiam todas as ações da Residência, que por princípio é agroecológica e se insere dentro do movimento da Educação do Campo, demarcando sua materialidade de origem e seu propósito na construção de modelos de desenvolvimento do campo nordestino.

Palavras Chave: residência agrária, educação do campo, educação no semiárido

A RESIDÊNCIA NO SEMIÁRIDO

A Residência Agrária no nordeste sempre apresentou características específicas deste universo diverso que é o rural nordestino. Desde a primeira turma de educandos em 2006, os desafios se apresentaram com a mesma intensidade desta cultura vibrante que é sertaneja, litorânea, serrana e de tantos outros espaços e territórios. Neste texto trataremos a experiência da última turma que se formou no ano de 2013, no Cariri cearense, a partir do Curso de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido e Educação do Campo. Este curso, o qual chamamos de Residência Agrária foi realizado a partir de uma ação do Instituto do Semiárido – INSA e Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA/INCRA.

A região Nordeste, abriga quase integralmente, o Semiárido Brasileiro, que corresponde a aproximadamente 11% do território nacional e 90% da região. Do ponto de vista da estrutura fundiária apresenta extrema concentração, com grande número de minifúndios. A territorialização dos assentamentos e unidades de agricultores familiares; a realidade das Instituições de Ensino Superior do Nordeste, e a

¹ Agrônoma, Mestre em Política Pública e Meio Ambiente. Professora da Universidade Federal do Ceará - UFC, escobar@ufc.br

especificidade do Semiárido Nordeste nos trouxeram inúmeros aprendizados no âmbito das “residências agrárias nordestinas”.

Desde a turma de 2006 analisávamos a existência de vários Centros de Ensino Superior rodeados de assentamentos de Reforma Agrária e de Agricultores Familiares, paralelo ao número bem reduzido de pesquisadores e professores com algum conhecimento sobre aquela realidade vizinha. Poucos professores já haviam estado ou desenvolvido alguma ação nos assentamentos. Havia um desconhecimento, uma invisibilidade de uma realidade muito presente. É claro que este quadro é consequência da histórica opção política e ideológica dos Centros de Pesquisa e Ensino Superior no país, e mais particularmente os das Ciências Agrárias, que sempre estiveram articulados a um modelo de desenvolvimento do campo excludente e elitista. Mais se aproximam da concepção que se radicalizou nos anos 90, na qual a reforma agrária era defendida como política compensatória, uma vez que os grandes produtores respondiam às demandas do mercado. Segundo esta corrente de pensamento, se tornaria muito oneroso ao Estado tornar competitivos os pequenos proprietários beneficiários da reforma agrária. E ao se considerar a reforma agrária uma política compensatória, desnecessária economicamente para o país, a realidade do desenvolvimento da sociedade brasileira foi e ainda está sendo tratada de maneira fragmentada. Como se houvesse exclusivamente um problema econômico descolado da sua raiz histórica, das suas consequências sociais, culturais e econômicas.

Esta realidade vem se modificando nos últimos seis anos com a interiorização de novos *campi* de Universidades, novos professores, muitos deles vindos de experiências populares com os movimentos sociais do campo. Além das iniciativas, programas, projetos de formação como a Residência Agrária.

O próprio nome Residência Agrária e não Residência Agronômica reflete em que “chão pisa” e o que se propõe discutir. De maneira mais ampla, este programa reflete os principais temas do debate da questão agrária brasileira e nordestina, não se restringindo apenas a uma discussão de matrizes tecnológicas, articulado a um momento de crítica, construção e reflexão do rural em que o país estava vivendo. Podemos observar também este espírito na Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, consolidada na proposta da Secretaria de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário – SAF/MDA em 2003, e nos documentos orientadores do audaz e agora não mais denominado de ATES, Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental do

INCRA, lançado em 2004, onde as responsabilidades e as expectativas sobre a atuação dos técnicos não se resumiam ao aspecto da produtividade das propriedades. Objetivava-se que os profissionais contribuíssem na organização dos trabalhadores, no atendimento às demandas básicas de saúde, cultura, educação, abastecimento de água, sistemas de moradia, energia elétrica, instalações comunitárias, preservação dos recursos naturais, enfim todas as questões que direta ou indiretamente estão relacionadas com o desenvolvimento integral da comunidade, portanto, este profissional deveria ser capaz de atuar como um agente de desenvolvimento.

Nas residências agrárias nordestinas, nos envolvemos em um sistema de representações, percepções e sensibilidades acerca da experiência do ser humano e da natureza do entorno. No Semiárido significa conhecer como a ideia de natureza, produção e também das profissões são construídas no fazer da cultura e da história. A própria ideia de Semiárido entendida como sinônimo de seca, que é apenas um de seus aspectos nos remete a dificuldade de interpretação da realidade ambiental e sociocultural do Semiárido, considerando a visão hegemônica reducionista.

Durante a residência convivemos com algumas desistências de educandos que não se adaptaram às condições ambientais do trabalho de campo. Estudantes de veterinária, por exemplo, acostumados aos ambientes artificializados e à distância das unidades de produção tiveram dificuldades de permanência no campo, nos assentamentos. Outra dificuldade foi contribuir de maneira prática no desenvolvimento de sistemas de produção agroecológicos para além dos pacotes tecnológicos, sejam eles agroecológicos ou ainda não.

Ler e interpretar a realidade ambiental e sociocultural requer ferramentas interdisciplinares. E elas são requeridas na sustentação da produção familiar e agroecológica. As residências nordestinas são agroecológicas, é condição “*sine qua non*” para a construção das práticas da Educação do Campo e mais ainda, para um Projeto de Residência Agrária dentro da especificidade da agricultura familiar camponesa e do desenvolvimento sustentável do semiárido.

Gomes, 2005 em seu texto base, para o I Encontro de Agroecologia das Unidades da Embrapa e parceiros, discute agroecologia na perspectiva de que ela ainda não representa um novo paradigma. Só chegará a sê-lo quando ocorrer uma profunda ruptura na base epistemológica que dá sustentação ao paradigma ainda em vigor, o que não se verifica de forma generalizada. Embora esta visão esteja alicerçada em uma dura

realidade, podemos perguntar onde se dá a ruptura na base epistemológica que dá sustentação ao paradigma em vigor. Nos centros de pesquisa? Nas universidades produtoras de conhecimentos, formadoras de pesquisadores e técnicos de campo? Na sociedade civil organizada? Se não são só estes, os sujeitos que o fazem, eles e suas instituições constituem a maior parte do grupo que opera a maior parte das rupturas. Estas pessoas e instituições estão no “campo” da Residência Agrária. E assim herdamos desafios coletivos, enfrentar esta questão em conjunto com professores formados há muito tempo pela ciência clássica, herdeiros das concepções conservadoras de desenvolvimento do campo, estudantes formados por estes professores, agricultores e técnicos, tem sido bastante construtivo, na medida em que a conjunção de discursos e experiências diversas é geradora de uma desordem nos conceitos pré-estabelecidos e no sistema de representações do campo nordestino, criando possibilidades de ultrapassarmos os limites da agroecologia como disciplina científica, complexificando seu significado e alargando seus efeitos.

A agroecologia, interdisciplinar por definição nos fornece uma série de entrelaçamentos em termos metodológicos que nos propicia na Residência ousadias metodológicas, já que inseridos em uma abordagem formativa a partir do trabalho.

Na Residência, a discussão agroecológica tem centralidade, e busca uma pedagogia própria para esta formação, que é estética, emocional, relacional, ambiental e humana. Há uma expectativa crescente na evolução deste projeto de residência. Esta expectativa tem causado uma efervescência nas turmas de formandos das ciências agrárias, e agora de diversas áreas do conhecimento. Pois as novas residências nordestinas são formatadas para turmas de educandos com formações de nível superior em diversas áreas de conhecimento.

A Residência Agrária no nordeste é uma abordagem à educação, ao trabalho e a aprendizagem qualitativamente diferenciada, projeto engajado dentro de uma concepção de justiça social, de partilha de riquezas, de convivência com o Semiárido, de uma Reforma Agrária de qualidade que inclua a revolução do conhecimento, da educação e da ciência. Isto, envolto em um mar de dificuldades da conjuntura atual. Devemos salientar como faz Santos (2001) que se utilizando instrumentos da crítica moderna para pensar sobre um desenvolvimento sustentável e a agroecologia poderemos estar sendo subparadigmáticos, pois, cairíamos no risco de estar buscando desenvolvimento de possibilidades emancipatórias que ainda julgamos possíveis dentro do paradigma

dominante. E ainda segundo Santos, estas estratégias emancipatórias dentro do paradigma dominante podem tender a se transformar em estratégias regulatórias.

Na próxima sessão apresentamos um pouco das diversas especificidades das residências nordestinas, onde procuramos destacar alguns trabalhos de educandos (as) inseridos em coletivos de trabalho e de estudo. Os educandos residentes atuaram em suas comunidades ou assentamentos (onde residem ou trabalham), definiram no campo em que área específica contribuiria com a comunidade, e a partir do trabalho prático escreveram um artigo científico, que tratamos como a materialização da reflexão teórica feita durante a Residência. O objetivo dos artigos é publicizar os trabalhos feitos em áreas de Reforma Agrária articulados às experiências agroecológicas, de educação do campo, e de cultura e arte. A Residência tem duração de um ano e meio, se realiza em etapas mensais com dois tempos formativos, Tempo Universidade e Tempo Comunidade.

I – O tempo Universidade: se refere ao tempo no qual a turma está toda reunida desenvolvendo os conteúdos programáticos do currículo do curso em forma de aulas, oficinas, seminários, estudos de caso em campo, com o acompanhamento de professores, monitores, coordenadores pedagógicos e outros.

II – O Tempo Comunidade consiste no período de reflexão-ação na e com a comunidade (áreas de assentamento e de Agricultura Familiar). Neste tempo as temáticas do tempo universidade têm a oportunidade de se confrontarem com a realidade no campo

A alternância na Residência Agrária tem um aspecto diferenciado dos cursos formais para agricultores e agricultoras, pois, as etapas do tempo universidade e tempo comunidade não seguem uma sazonalidade referente aos tempos agrícolas. Ela se adequa ao calendário das universidades, à disposição de recursos, e outros motivos. Sua importância reside em outros aspectos como o fato “da participação do intelectual na produção invocar o sentido da solidariedade entre aqueles que, indiretamente, estariam lhes assegurando o financiamento dos estudos.” (BACHELARD,1994 apud SILVA, 2003 p. 28)

O estudo feito sobre a pedagogia da alternância de Silva (2003), explicita tipologias de alternância sob a ótica de vários teóricos desta temática. Utilizarei a tipologia de MALGLAIVE (1979) citado por SILVA (2003 p. 29) que define três tipos de alternância, são eles:

- a) a falsa alternância: que consiste em não estabelecer ligações entre atividades do tempo universitário (em nosso caso) e atividades práticas (de campo). Embora haja a ausência de vínculo os elementos da realidade são acrescentados automaticamente à formação do alternante.
- b) a alternância aproximativa: consiste na existência de uma intencionalidade didática e pedagógica de vincular os dois espaços de formação utilizando instrumentos conceituais e metodológicos de análise e parcial intervenção na realidade. Embora tenha instrumental de análise as tarefas confiadas ao alternante são limitadas, focadas para o trabalho teórico e muito aquém do que poderia ser desenvolvido a partir dos conhecimentos aprendidos na escola.
- c) a alternância real: é aquela onde há um envolvimento real do estudante através de um projeto pessoal. Ele desempenha atividades da produção, tem responsabilidades sobre elas e desencadeia uma interação forte entre as etapas de aprendizagem e os diferentes sujeitos desta aprendizagem. É quando o alternante também é capaz de desenvolver suas atividades realizando um distanciamento reflexivo sobre as atividades desempenhadas.

A alternância na Residência Agrária tem o papel de formalizar o período fora da universidade como período privilegiado de aprender, construir conhecimento de maneira real e tão oficial quanto no tempo universidade.

RESIDÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DAS ESCOLAS DO CAMPO DO CEARÁ: A EMERGÊNCIA DE ESCOLAS DO CAMPO AGROECOLÓGICAS (ESCOLA JOÃO SEM TERRA)

O educando Yvan Viana² realizou sua residência no Assentamento 25 de Maio, na Escola do Campo – João Sem Terra. Na trajetória do Assentamento 25 de Maio a educação é uma das lutas prioritárias, onde já foram realizadas diversas atividades com intuito de erradicar o analfabetismo entre as famílias. Em 2008, a equipe de assessoria técnica, social e ambiental lotada no Assentamento, identificou que 324 pessoas entre jovens e adultos, representando 10% da população não eram alfabetizadas.

O acesso ao Ensino Médio foi um grande desafio enfrentado pelas famílias, pois quando os jovens concluíam o Ensino Fundamental, tinham que se deslocar à sede da

² Engenheiro Agrônomo, orientado pela professora Maria Inês Escobar UFC

cidade de Quixeramobim, com 42 km de distância, ou para o município de Madalena. Este foi um dos motivos pelos quais desde a realização da Marcha Nacional pela Reforma Agrária, em Brasília, em 2005, reivindicou-se a construção de uma Escola do Campo de ensino médio, que só se efetivou a partir da primeira jornada de luta, em abril de 2007, realizada na gestão do atual governo do Estado do Ceará. No Estado do Ceará há projeto de instalação de 11 (onze) Escolas do Campo distribuídas por várias regiões conforme quadro abaixo:

Em Abril do ano de 2010 a Escola do Campo João dos Santos de Oliveira iniciou as atividades, com 06 turmas em funcionamento (1ª, 2ª e 3ª series) do Ensino Médio. A escola possui diversos equipamentos e estrutura física de muita qualidade, destaca-se o campo experimental, quadra poliesportiva, laboratório de ciências, laboratório de informática, sala de multimeios entre outros.

Os alunos frequentam a escola diariamente no período da tarde, e a cada dia duas turmas da escola frequentam a escola em regime integral (manhã e tarde). A efetivação do período integral é um dos grandes desafios enfrentados, pois os jovens estão frequentando em um número reduzido a escola no período da manhã, em virtude das tarefas domésticas.

O Assentamento teve participação ativa nas lutas do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST, que conquistaram as Escolas de Ensino Médio do Campo para as áreas de Reforma Agrária e, através de sua organização assegurou o processo coletivo de elaboração do projeto político-pedagógico da Escola, bem como vem zelando permanentemente pela sua construção efetiva. A residência na Escola do Campo João Sem Terra teve como foco estudar e experimentar com os educandos novas racionalidades que aqui chamamos de “outras ciências” ou saberes. Para Enrique Leff essas novas racionalidades se diferenciam da racionalidade capitalista, porque nelas se abrigam *práticas culturais de valorização da natureza e sua diversidade*. Diferente da lógica capitalista que produz conhecimento voltado à subtração e degradação da natureza. Reconhecer “novas racionalidades” é, portanto, não aceitar uma única forma de pensar a partir de uma só perspectiva ou lógica.

Trabalhamos com o conteúdo de ciências a partir da temática dos agrotóxicos versus defensivos naturais, indagando a origem das racionalidades que defendem o uso e o não uso de determinadas tecnologias na produção de alimentos. Para tanto foi imprescindível transitar por diferentes áreas do conhecimento. E neste campo a

agroecologia se constitui como importante elemento para discutirmos o “diálogo entre ciências” já que se define também como sistematização de conhecimentos baseados em técnicas e saberes tradicionais. Ela propõe uma abordagem integrada na atividade agrícola. Segundo Leff “o saber agroecológico contribui para a construção de um novo paradigma produtivo ao mostrar a possibilidade de produzir com a natureza” (Leff, 2002, p.44).

Descobrimos a escola do campo como um “laboratório de ciências”, que possibilita diálogos entre saberes e construindo conhecimentos diversos. Laboratório que trabalha as dimensões da cultura, da autonomia e auto-organização dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Esta metáfora da Escola do Campo como laboratório vivo nos trouxe preciosas reflexões sobre os desafios de articulação da realidade camponesa com a realidade da educação formal, mesmo estando a escola situada no coração do Assentamento de Reforma Agrária.

O funcionamento da escola João dos Santos de Oliveira no Assentamento 25 de Maio é recente (03 anos). Ela ainda vivencia os desafios da implantação de seu Projeto Político Pedagógico, porque na perspectiva da Educação do Campo, o PPP implica em uma ruptura com o atual modelo de educação e de sociedade vigente. E de certa forma a escola em questão ainda se vê vinculada e atrelada em alguns aspectos ao modelo tradicional de educação. No entanto, isso não tem impedido que seu espaço se estabelecesse como um “laboratório” de experiências, de diálogo e ciências.

No projeto interdisciplinar desenvolvido junto com um coletivo de estudantes da escola realizamos diagnósticos sobre o uso de agrotóxicos por parte das famílias assentadas, analisamos os dados, e debatemos as possibilidades de ação nesta realidade. Preparamos oficinas e uma experimentação sobre elaboração de defensivos naturais, utilizando ingredientes existentes no próprio assentamento.

Pesquisas revelam que o perfil de uma juventude que se organiza nos movimentos sociais rurais do Brasil (onde se articula e fundamenta as escolas do campo), se diferencia significativamente em relação aos dados estatísticos, como os colhidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2006). E o fator mais importante que compõe esse diferencial é a escolaridade. Ou seja, os jovens que se envolvem e participam de movimentos sociais (que aqui entendemos como todas as ações que acontecem em um assentamento rural de luta, como o 25 de Maio), tem índice de nível escolaridade elevado.

O que percebemos, portanto, é que a juventude além de *ponte*, que faz ligações, que comunica lugares e pessoas, ela é campo de possibilidades de transformação da realidade camponesa.

RESIDÊNCIA NAS FEIRAS DA AGRICULTURA FAMILIAR

Os educandos³ Maria Neila Ferreira dos Santos⁴, Florença Moreira Gonçalves⁵ e Samuel Lima Pinheiro⁶ realizaram sua residência agrária na Feira da Agricultura Familiar do Município de Quixeramobim. Trabalharam com diferentes aspectos da feira e com os diferentes sujeitos, agricultores e agricultoras assentados, consumidores e consumidoras, técnicos (as) e gestores públicos.

Na feira pudemos perceber gargalos e potencialidades da produção familiar no estado. Embora, em tempos de seca a avaliação desenvolvida durante a residência aponta caminhos e contribui de forma séria com o desenvolvimento das atividades dos agricultores da Feira.

A maior parte do público frequentador, 67%, está na faixa etária de 40 a 60 anos, com escolaridade de nível fundamental e médio (53%), e desempenham diversas profissões (69%); 62% possuem renda mensal na faixa de um a dois salários mínimos. Suas compras na feira são feitas semanalmente e gastam na faixa de R\$ 15,00 a R\$ 30,00 por feira. A grande maioria dos/as entrevistados/as, 98,%, avaliou que a qualidade dos produtos oferecidos é boa e ótima; 40% consideram boa a quantidade dos produtos expostos na feira; e 58% consideraram a variedade média. Em relação à higiene, 83% avaliaram como boa e ótima. A feira da agricultura familiar de Quixeramobim se apresenta com grande importância para a população local, promovendo segurança alimentar e nutricional dos/as consumidores/as.

As razões mais citadas para consumir os produtos e continuar comprando na feira foram: a percepção de que os alimentos são de qualidade, bem feitos e provenientes de uma organização de agricultores/as familiares, a busca por fartura e por produtos mais saudáveis, bom atendimento, produtos naturais e preço acessível. Outro atrativo das

³ Os três educandos realizaram seu trabalho orientados pela professora Helena Selma Azevedo, UFC.

⁴ Economista Doméstica

⁵ Engenheira de Alimentos

⁶ Graduado em Administração

feiras é a animação, pois as feiras contam com boa música sertaneja, assegurando às pessoas o prazer de comparecer à feira e ver os/as agricultores/as vendendo seus produtos produzidos no próprio município. Os alimentos adquiridos/consumidos com maior frequência foram: verduras, legumes/tubérculos, frutas diversas, pimentas, milho verde, peixe, feijão, galinha, tapioca/beiju, bolos, pamonha, “chapéus de couro”, derivados de leite (queijo, nata), doces e mel. Isso confirma a aceitação e valorização dos sabores produzidos localmente, pelas próprias famílias, trazendo temperos e cheiros que não são encontrados nos produtos adquiridos nos supermercados. Além desses alimentos, os/as consumidores/as adquirem outros produtos, como vassouras de palha, tapetes feitos com retalhos e outros artefatos artesanais feitos com material reciclável.

Os consumidores, de modo geral, consideram a variedade dos produtos limitada, devido à falta frequente de produtos básicos como feijão e cheiro-verde (coentro e cebolinha). Os consumidores/as ressaltam como aspectos positivos da feira a qualidade dos produtos, o ambiente agradável e o contato direto entre agricultores/as e consumidores/as.

A maioria dos/as consumidores/as da feira da agricultura familiar de Quixeramobim é um público fiel, constante, valoriza o espaço, as famílias, gosta dos produtos. Foram construídas relações de amizade, confiança e aceitabilidade. Há satisfação em adquirir produtos oriundos da agricultura familiar e produzidos pelas próprias famílias.

A feira da agricultura familiar de Quixeramobim está em processo de transição agroecológica e, assim, vem fortalecendo semanalmente a construção do conhecimento agroecológico a partir da produção de alimentos em equilíbrio com a natureza, estabelecendo relações de confiança com as famílias consumidoras e buscando promover a soberania e segurança alimentar de todos/as os/as envolvidos/as

Destaca-se a necessidade de maior articulação entre os gestores públicos e a associação comunitária no sentido de atender às demandas das famílias agricultoras e assim aumentar o número de famílias comercializando e, conseqüentemente, de produtos em oferta, possibilitando-se, dessa forma, aumento também do público consumidor. No entanto, permanecem as dificuldades em se dimensionar o tamanho e a evolução do mercado desses produtos, o que requer estudos mais aprofundados para maior conhecimento dos/as consumidores/as, centro e elo para as estratégias de ampliação e diversificação da produção.

A avaliação da qualidade da produção de alimentos da agricultura familiar é realizada segundo os padrões da indústria, com exigência de padronização e distante dos consumidores, quando na verdade os produtos precisam ser avaliados quanto à questão sanitária, mas utilizando parâmetros adequados à produção artesanal de alimentos, produzido nas residências dos agricultores e das agricultoras. Na residência trabalhamos na avaliação da qualidade dos produtos da feira da agricultura familiar de Quixeramobim – CE de forma mais ampla, abordando além da questão sanitária, a organoléptica, a facilidade de uso do produto, ecológica, cultural e a aparência. Abordamos o tema da qualidade dos alimentos da produção da agricultura familiar através do método de controle de qualidade normativo.

Também trabalhamos estabelecendo critérios de avaliação econômica, para a definição de estratégias de planejamento da produção praticadas pelos agricultores familiares cooperados ou não no município de Quixeramobim, que participam do programa de comercialização da produção da agricultura familiar da Prefeitura Municipal de Quixeramobim, situada no sertão central semiárido do Ceará. Considerando os problemas, as aspirações e necessidades dos agricultores familiares, buscando estabelecer uma metodologia de avaliação das condições de sustentabilidade. Associando às necessidades práticas e locais e baseando-se nos processos da transição Agroecológica, buscamos a integração entre o campo científico, o conhecimento e a experiência tácita dos agricultores. A conscientização social e o entendimento das necessidades dos agricultores são de fundamental importância para o estabelecimento do planejamento produtivo e econômico, bem como a visão de futuro e sustentabilidade da atividade rural familiar. Na composição da renda familiar é fundamental estabelecer as rendas provenientes de políticas públicas, para podermos diminuir a sua importância ao longo do tempo. A implantação de tais medidas deve ser implementada através da prática de dinâmicas participativas, promovendo um processo socioeducativo os quais permitam aos próprios agricultores familiares entenderem a repercussão da adoção de tais procedimentos.

RESIDÊNCIA NA MÚSICA

BANDA DE LATA: O SOM DO SERTÃO E A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

A Banda de Lata nasceu em 2005, com crianças do Assentamento Recreio, do município de Quixeramobim, Sertão Central do estado do Ceará. A partir de uma demanda do Curso de Pedagogia da Terra, o qual Adriano Leonel, assentado e educando do curso, desenvolveu o projeto, que hoje também se torna o centro de suas atividades no curso de Especialização em Desenvolvimento Sustentável do Semiárido e Educação do Campo/Residência Agrária.

A partir do desenvolvimento das forças produtivas da indústria, morar na cidade se torna um desejo da maioria dos jovens, como se o emprego fosse à única solução, ou se só houvesse saída para a melhoria de vida nas áreas urbanas. A ideologia do progresso urbanocentrista fortalece a exploração da força de trabalho da juventude, desvalorizando e descaracterizando a juventude camponesa.

Na atualidade a Banda de Lata conta com 23 componentes, 21 crianças e jovens e dois adultos, que junto com as crianças tocam os violões, que são os únicos instrumentos convencionais. Este é outro aspecto de destaque nesta experiência: a construção dos instrumentos. A percussão é feita com latas, como se fossem as caixas, os tambores e zabumbas, o triângulo, o prato e o chocalho são feitos com materiais recolhidos do trabalho agrícola. Esta especificidade confere a banda de lata uma identidade diferente, que nasce do trabalho do campo e que produz música a partir dos próprios elementos do rural. A garotada do sertão de Quixeramobim se apropriou de materiais considerados “sucatas” pelos assentados e produziu som e ritmo com característica sertaneja.

Este trabalho é um fragmento do relato de experiência escrito a quatro mãos, pelo educando Adriano, assentado da Reforma Agrária e coordenador da Banda de Lata, por seu orientador na Residência Agrária e pela Coordenação do Curso. É na triangulação de informações e solidariedade intelectual que tecemos este trabalho a partir de percepções registradas no diário de campo do educando e nas anotações durante a orientação e coordenação pedagógica do curso. Descrevemos a experiência analisando a função social da música na comunicação, formação, denuncia e expressão cultural. Também como forma de conhecimento e leitura de mundo. Destacamos aqui a especificidade da pedagogia da alternância, que na Residência Agrária ganha enfoques diferentes.

Na Banda de Lata o trabalho artístico é lapidado de forma educativa, coletiva considerando os conhecimentos dos participantes problematizando a vida, tornando os alunos artistas capazes de transformar e mudar. A música se destaca como uma arte que influencia e gera processos de conscientização e fruição, além de ser uma ferramenta para a realidade.

Segundo PINTO (2001), em muitas culturas se desconhece um termo, cujo signo seja idêntico ao de “música”, “music”, “zene”, “musique”, “Musik” etc. Na realidade música raras vezes apenas é uma organização sonora no decorrer de limitado espaço de tempo. É som e movimento num sentido *lato* (seja este ligado à produção musical ou então à dança) e está quase sempre em estreita conexão com outras formas de cultura expressiva. Considerar este contexto amplo, quando se fala em música, é estar adotando um enfoque antropológico. A inserção da música nas várias atividades sociais e os significados múltiplos que decorrem desta interação constitui importante plano de análise na antropologia da música. A relação entre som, imagem e movimento é enfocada de forma primordial neste tipo de pesquisa. Aqui música não é entendida apenas a partir de seus elementos estéticos, mas em primeiro lugar, como uma forma de comunicação que possui, semelhante a qualquer tipo de linguagem, seus próprios códigos. Música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade. Ao mesmo tempo é singular e de difícil tradução, quando apresentada fora de seu contexto ou de seu meio cultural. A etnografia da performance musical marca a passagem de uma análise das estruturas sonoras à análise do processo musical e suas especificidades. Abre mão do enfoque sobre a música enquanto “produto” para adotar um conceito mais abrangente, em que a música atua como “processo” de significado social, capaz de gerar estruturas que vão além dos seus aspectos meramente sonoros.

Ao mesmo tempo, que a produção musical da Banda de Lata é um processo coletivo de organização e formação, é também uma ferramenta de desenvolvimento do indivíduo. Trabalhando dimensões pessoais que articuladas a participação em um coletivo geram frutos de transformação social e individual. Resignificar ferramentas de trabalho no campo, transformar o disco de um arado em um instrumento, tambores de água e elementos percussivos é também ressignificar a vida no sertão de Quixeramobim. Podemos imaginar que a construção de instrumentos é também a construção dos sujeitos, que olhando ao redor percebem além do óbvio, percebem o som, a estética, a história, e organizam os planos de futuro coletivamente. A seguir algumas letras de músicas do primeiro CD da banda, que refletem o olhar sobre o sertão e sobre a realidade que os cerca.

PROFISSÕES E LUTAS
(AILTON BRASIL E BANDA DE LATA)

Se começa a chover
Lá na nossa região
Sertanejo se anima
Só se escuta a canção
Cava, cava, cava
Cava, cava, cava, cava
E vai cavando a terra
Pra plantar milho e feijão

E o pedreiro da cidade
Cheio de satisfação
Pega cal, cimento e barro
Faz uma misturação
Sobe, sobe, sobe
Sobe, sobe, sobe, sobe
De tijolo em tijolo
Vai subindo a construção

De madrugada o padeiro
Não teme a escuridão
Sai de casa pro trabalho
É um grande cidadão
Mexe, mexe, mexe
Vira, vira, vira, vira
Mexe a massa, vira a massa
Sol nasceu já fez o pão

O professor na sua escola
Olha pra situação
O salário não agrada
Falta a motivação
Soma, soma, soma
Soma, soma, soma, soma
Mas ele não desiste
De ensinar sua lição

E a mulher dona de casa
Da cidade e do sertão
Acorda de manhã cedo
Não descansa meu irmão
Varre, varre, varre
Varre, varre, varre, varre
Quando chega meio dia
Já tá pronto o baião

E o velhinho aposentado
Lutando igual a Sansão
Sustentando filho e neto
Seja inverno ou verão
Ai, ai, ai,
Ai, ai, ai, ai
Só sendo nordestino
Pra agüentar esse rojão

Com madeira e serrote
Talhadeira e punção
Salve o nosso carpinteiro
Que beleza meu irmão
Teco, teço, teco,
Teco, teco, teco, teco
De martelo em martelo
Pra ganhar o seu quinhão

Os operários da fábrica
Na maior judiação
Sai de casa cinco horas
Meia noite chegou não
Vamos, vamos, vamos
Vamos, vamos, vamos, vamos
Um cardume de peixinhos
Engordando um tubarão

Esta música “profissões e lutas” denuncia: “*os operários das fábricas na maior judiação/ sai de casa cinco horas meia noite voltou não/ vamos, vamos, vamos, vamos, vamos, vamos, vamos/ um cardume de peixinho engordando tubarão*” A jornada de trabalho das fábricas, especialmente as de sapatos, presentes no município de Quixeramobim que exploram a força de trabalho da juventude pobre do campo e da cidade.

DE QUALQUER JEITO
(Banda de Lata e Ailton Brasil)

Nos chamaram pra tocar
E eu vou me preparar
Quero ver como é que é
O povo tá esperando
A menina se animando
Eu vou, nem que seja a pé

*Em cima de um caminhão, eu vou, eu vou
No carro da redenção, eu vou, eu vou
Seja noite ou seja dia
Com sol quente ou chuva fria
Eu vou, eu vou, eu vou*

É uma coisa diferente
Sempre junta muita gente
Quando a banda vai tocar
Eu me ligo na batida
Pois alegre a minha vida
Da vontade de dançar

É no lombo de jumento, eu vou, eu vou
Na carroça do trator, eu vou, eu vou
Pode ser num pau-de-arara
Ou então de Guanabara
Eu vou, eu vou, eu vou.

As músicas “Profissões e Lutas” e “De qualquer jeito” são expressões poéticas do dia a dia no sertão, da chegada da chuva e das dificuldades da Banda para se apresentar nas comunidades. Tal qual aos agricultores dos assentamentos, na lida da produção agrícola, este coletivo musical também enfrenta os desafios do rural sertanejo da Reforma Agrária. As dificuldades com transporte, vias de acesso e a exploração da força de trabalho.

Na música “De qualquer jeito” está presente a descrição de uma história real vivenciada pela própria banda. Uma comunidade que festejando o dia das crianças os convidou para que fizessem uma apresentação. A coordenação do grupo como não tinha transporte pediu que a comunidade providenciasse o transporte e o transporte providenciado foi um caminhão de carregar pedras. No percurso tinha uma blitz da polícia rodoviária, o grupo que estava em um transporte inadequado acabou esperando o fim da blitz para prosseguir viagem. O que gerou um atraso de horas na apresentação. Para surpresa de todos a comunidade estava esperando o grupo e foi uma das melhores apresentações, como descrito por alguns participantes.

A música “O terreiro de Maria” apresenta a vida no raiar do dia no campo, é o som da natureza dos animais que desperta o sono dos camponeses. Essa música traz um questionamento, que campo temos hoje? Que som se escuta hoje antes da luz solar? Quais as Marias de hoje? Como cuidamos dos animais, da natureza? Salienta a criação dos animais do quintal que ajudam na alimentação e representam uma importante face da segurança alimentar da família.

O TERREIRO DE MARIA

(BANDA DE LATA)

O galo canta

O soim assobia

Assim é a festa

No terreiro de Maria

I

O capote diz tô fraco

O peru é glu, glu, glu

O pato é qua, qua

E tem até cururu (bis)

II

A cabra diz bé

A vaca ela munge

O cavalo relincha

E os cachorros não se unem

Ao canto do campina

E também do canção

Ao som do bem-te-vi

E do corrupião.

De manhãzinha

É aquela animação

Maria se alevanta

E acende o fogão.

A arte apresenta-se aqui como uma linguagem que desenvolve um conhecimento que busca renovar as ações do ser humano na sociedade. A arte na Banda de Lata reafirma aos jovens do campo, que o campo é espaço de arte, cultura e de vida. O campo da Reforma Agrária constrói uma arte que problematizadora, que emerge das teorias pedagógicas e se materializa na dialógica da Educação do Campo. Uma arte que segundo Freire, (1993), propicie uma ação transformadora, que questiona a realidade. A arte deve retirar da realidade os elementos de sua criação, mas deve criar outra realidade nas quais homens e mulheres ampliem suas possibilidades.

O trabalho da Banda de lata é uma arte que vem contra essa ideologia de indústria cultural. Que através de seus instrumentos, desenhos, ritmos e músicas, expressa, denuncia, valoriza a vida e propõe outra vida para o campo no campo da arte, criando essa possibilidade na vida dos sujeitos do campo. As viagens feitas pelas crianças, o conhecimentos de culturas diferentes, a valorização da comunidade, da identidade de camponês estão registrados no trabalho da Banda. Ela se traduz como uma alternativa encontrada na arte que somada a uma educação contextualizada, do campo, ao debate agroecológico vem reafirmando que o campo é lugar de conhecimento, de cultura, de arte, de produção.

RESIDÊNCIA NAS HORTAS COLETIVAS

O educando Antônio Jeová Sampaio⁷ realizou sua residência, inserido no projeto “Crianças Construindo a Soberania Alimentar” no Assentamento Antônio Conselheiro no município de Aracoiaba- CE

⁷ Pedagogo, orientado pela professora Alexandra Maria de Oliveira – UFC

Para a escola Raimundo Facó, a convivência com o semiárido passa pelo desenvolvimento de um conjunto de alternativas viáveis de produção. Em visitas à escola, encontramos experiências de trabalho coletivo desenvolvidos pelas crianças do campo que revelam ações alternativas baseadas na agroecologia e consideradas fundamentais na convivência com o semiárido.

No ano de 2011, o projeto Crianças Construindo a Soberania Alimentar passou a fazer parte do trabalho com a horta didática, experiência inovadora para a escola, importante instrumento didático e alvo de visitantes. O projeto também tem gerado inúmeras ações envolvendo toda comunidade escolar, em uma terra, literalmente, muito fértil. A horta escolar como espaço educativo tem caráter multi e transdisciplinar para o desenvolvimento de conceitos, habilidades e capacidades de formação de racionalidades com vistas ao fortalecimento da agricultura camponesa. A horta é um instrumento pedagógico que fornece alternativas metodológicas no trabalho dos conteúdos disciplinares. Ela tem sido espaço de formação presente na Escola Raimundo Facó, além de ser espaço de aprendizagem, a preocupação em inserir a produção de alimentos no ambiente escolar gera a oportunidade de praticar a agricultura com interesse social.

De acordo com os professores, a horta contribuiu para renovar os conhecimentos didáticos na relação com o campo, além de promover maior interesse dos educandos em participar das aulas unindo teoria e prática de forma lúdica e recreativa.

No mês de Maio, o assentamento celebrou o aniversário de 20 anos, dentre as comemorações, a Escola Raimundo Facó apresentou o Projeto Crianças Construindo a Soberania Alimentar, como uma das conquistas dentre outras, do assentamento na trajetória de lutas. A importância das crianças celebrarem o aniversário do assentamento como marca da libertação da terra do patrão. E hoje constroem aprendizados para além da escola, trazendo a valorização e respeito à luta pela terra e a valorização da cultura e do saber cuidar.

NAS CASAS DE SEMENTE

Os educandos⁸ Marcelo Rodrigues Dias e Benedito César Soares Almeida realizaram sua residência inseridos em projetos de implantação de Casas de Sementes em assentamentos.

⁸ Educandos orientados pela Professora Elda Maria Freire Maciel - URCA

Atualmente, a maior parte do Ceará enfrenta uma das maiores secas de nossa história. No Sertão dos Inhamus e nos Sertões de Crateús, o fenômeno natural ainda é mais crítico. E uma das conseqüências é o comprometimento da produção familiar sertaneja. As Casas de Sementes representam um aprimoramento de um hábito tradicional de se guardar sementes para o cultivo em recipientes, impermeabilizado com cera de abelha em lugares adequados (pouca luz e umidade). A implantação das casas de sementes nos assentamentos representa uma resistência organizada ao aprofundamento do capital no campo, fortalecendo a autonomia dos agricultores.

No Ceará, especificamente no Cariri orientamos residências em assentamentos na especificidade das organizações femininas, nas associações contribuindo com o saneamento contábil e capacitando os (as) agricultores (as) na organização administrativa. Em coletivos de regularização ambiental, na produção coletiva de frutas, no turismo familiar, nas salas de alfabetização do PRONERA, nas cirandas infantis e em projetos de adequação sanitária de empreendimentos produtivos nos assentamentos. Em 2013, a residência do Cariri Cearense será em Cultura, Arte e Educação do Campo, com intuito de qualificar 50 profissionais em arte, cultura e educação do campo, através dos eixos de Comunicação, Música e Artes Cênicas pretende-se formar um coletivo de educadores das Escolas do Campo do Ceará e agentes de cultura e arte dos assentamentos aprimorando nossa capacidade de analisar e agir de maneira crítica sobre a realidade cultural a qual trabalhamos, desenvolvendo projetos e atividades que articulem as comunidades nas dimensões sociais, econômicas, ambientais e culturais.

A Residência Agrária se territorializa na academia e no campo, com ele os grandes debates da Agroecologia, Agricultura Familiar e Reforma Agrária também ganham espaço nestas fronteiras. Este é um projeto camponês e universitário, que olha para a necessidade de transformação da universidade com vistas á transformação do campo e da sociedade. Um projeto inserido na luta camponesa que se soma às bandeiras reivindicatórias dos movimentos sociais e sindicais do campo. Esta relação entre universidades e movimentos sociais nem sempre é harmoniosa, é sim conflituosa e muitas vezes tensa pela imensa distância que separa as condições de existência dos trabalhadores e trabalhadoras do campo e militantes dos movimentos sociais das condições de existência dos profissionais das universidades. Este abismo de diferença social, econômica e de oportunidades gera tensões quando se unificam as lutas, quando se discute projetos e orçamentos, nascendo assim um falso antagonismo, que bloqueia a

transformação necessária. Nesta perspectiva, a Residência Agrária deverá ser acolhida pelos setores populares dentro das universidades, pelas reitorias comprometidas com a transformação social, pelo movimento docente e discente, garantindo como fundamento a parceria e construção coletiva com os movimentos sociais do campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, MARIA INÊS ESCOBAR *Uma Residência para as Ciências Agrárias: Saberes coletivos para um projeto camponês e universitário*, 86 p., (UnB-CDS, Mestre, Política e Gestão Ambiental,). Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília. Centro de Desenvolvimento Sustentável 2006.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Tradução de Rosisca Daicy de Oliveira / Prefácio de Jaques Chonchol 7ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra , 1993.
- GOMES, João Carlos Costa. Bases *Epistemológicas da Agroecologia*. IN *Agroecologia: Princípios e Técnicas para uma agricultura orgânica sustentável*. AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de. (ed. téc.) 1a Ed. Brasília, DF. Embrapa Informação Tecnológica, 2005.
- JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo. *As Múltiplas inteligibilidades na produção dos conhecimentos, práticas sociais e estratégias de inclusão e participação dos movimentos sociais e sindicais do campo* in Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão. _ Brasília: MDA,.; MOLINA,M.C. (org.) 2006.
- LEFF, Enrique. *A Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza* 1ª Ed. Rio de Janeiro. Ed i t o r a Civilização Brasileira, 2006.
- MARX, Karl. *Cultura e arte e literatura: textos escolhidos/ Karl Marx e Friedrich Engels*; Tradução de João Paulo Neto e Miguel Makoto Cavalcante Yoshida. 1. Ed- São Paulo: Expressão Popular, 2000.
- MESZAROS, István. *A Educacao para além do capital* - São Paulo. Boitempo. 2005
- PINTO, Tiago de Oliveira. *Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora* Revista de Antropologia, SÃO PAULO, USP, , V. 44 nº 1. 2001
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. Edições Afrontamento, 2001 [1987
- SILVA, Lourdes Helena. *As experiências de formação dos jovens do campo: alternância ou alternâncias?*1. Ed. UFV. Viçosa, 2003. 265

QUADRO: ESCOLAS DO CAMPO DO CEARÁ

Nº	ESCOLA	LOCAL	CIDADE	SITUAÇÃO
01	EEEM Maria Nazaré de Sousa	Assentamento Maceió	Itapipoca	Funcionando
02	EEEM Francisco Araújo Barros	Assentamento Lagoa do Mineiro	Itarema	Funcionando

03	EEEM Florestan Fernandes	Assentamento Santana	Monsenhor Tabosa	Funcionando
04	EEEM João dos Santos Sem Terra	Assentamento 25 de Maio	Madalena	Funcionando
05	EEEM	Assentamento Salão	Mombaça	A construir
06	EEEM	Assentamento Nova Canaã	QUIXERAMOBIM	EM CONSTRUÇÃO
07	EEEM	Assentamento Santa da Cal	Canindé	A construir
08	EEEM	Assentamento Logradouro I	Canindé	A construir
09	EEEM	Assentamento Chico Mendes	Icó	A construir
10	EEEM	Assent. Antonio Conselheiro	Ocara	A construir
11	EEEM	Assent. Conceição do Bonfim	Santana do Acaraú	A construir

Fonte: Secretaria De Educação Estado Do Ceará

CONSTRUÇÃO DA HORTA DIDÁTICA (Assentamento Antônio Conselheiro, Aracoiaba - CE)



Fonte: Teresa Braz, 2011.

BANDA DE LATA EM BRASÍLIA



Foto: Banda de Lata